

Entrevista realizada com D. Maria Pia Lima Ribeiro, em São Paulo,  
no dia 08 de março de 1977.

A) - Então D. Maria Pia, eu gostaria de saber quais foram os motivos que levaram a senhora a fazer o Curso de Serviço Social ?

M) - Bom, os motivos foram os seguintes :

Eu estava em São Paulo, sem fazer nada; encontrando assim, na vida, um vazio, e entendeu ?

Queria fazer qualquer coisa. Queria trabalhar. Nunca tinha trabalhado fora; quer dizer, nada disso.

Então eu tinha um grande amigo na nossa família, Alfredo Costa; que estava na direção do Serviço Social, num Departamento do Serviço Social; eu me lembro muito bem dos detalhes, entendeu ?

A) - Sei.

M) - E um dia eu estava queixando e tudo .... \_ então porque você não trabalha ?

Aí eu disse :

Mas trabalhar a onde ?

Eu não sei fazer nada.

Ele disse :

Eu arranjo um trabalho para você.

Então me arranjou para trabalhar no Departamento, que acho que o nome ainda não era esse.

Departamento do Serviço Social, no setor de ..., não me lembro muito bem.

Mas era um setor assim muito teórico, entendeu ?

De arquivo, de material e, não estava me interessando.

Então, este senhor me disse :

Então porque você não vai fazer a Escola do Serviço Social ?

Aqui no Departamento, era um Departamento do Serviço Social, me parece, um Departamento de trabalho. É de Serviço Social.

E me apresentou uma daquelas primeiras Assistentes Sociais, que fez o Curso na Bélgica, que era D. Baby, chamava-se Albertina Ramos e a outra, depois eu me lembro ...



A) - Maria Kiehl.

M) - É, Maria Kiehl.

Então eu conversei com elas e disse que queria passar para outro setor.

Então me contaram que lá se fazia pesquisa, visitas domiciliares.

Então saia daquele recinto ali; era muito mais movimentado, você entende ?

E perguntei se eu podia passar para aquele serviço, e ela disse :

Bom, passar você não pode porque você tem que ter um Curso especializado em Serviço Social.

Aí eu disse :

Mas que pena ! E onde é esse Curso ?

E ela disse :

Porque você não procura na rua; já naquele tempo era na rua Sabará, aqui perto.

E me disse que procurasse a D. Albertina, Helena Junqueira, entendeu ?

A Nadir, elas já estavam lá.

Então disseram :

Bom, você se inscreva e se prepara para fazer o Curso.

E nós éramos um Grupo assim pequeno, que estava interessado em fazer o Curso de Serviço Social.

Então o primeiro exame; nós fizemos assim, um estudo de Introdução para poder ter uma idéia.

E não houve assim uma aprovação muito boa, sabe ?

Daí nos reunimos; estudamos e fizemos os exames para entrar lá, no tal Curso, que já era Escola de Serviço Social.

E esses elementos eram ...

A) - Foi em que ano ?

M) - Não sei, viu ?

A) - Em 1940, por aí ?

M) - Eu não tenho certeza não.

Mas se fôsse você que quizesse saber; eu vou telefonar para a Margarida Pizante, que foi uma das ...

A) - Sei.

M) - Que mora na Avenida Angélica.

Foi das companheiras, dessa turma entendeu ?



que entrou sem saber nada; que tivemos que estudar, que fazer um preparo primeiro, para depois fazer um exame para entrar para a Escola.

A) - Sei.

M) - E graças a Deus. Depois que nós fizemos o estudo, a preparação e nós entramos para a Escola e, começamos a fazer a Escola, naquele tempo.

A) - Sei.

M) - Com estágio, não é ?

Havia ainda muito poucos campos de estágios.

A) - Sei.

M) - De modo que nós fizemos estágio, fizemos a Escola e nos formamos, e eu ...

A) - E as primeiras experiências ?

M) - As primeiras ...

A) - Como aluna ?

M) - Como aluna ?

A) - Do estágio que a senhora estava fazendo ?

M) - É . Os estágios eu fiz numa casa, na Liga das Senhoras Católicas.

E numa casa para menores de asilo, entendeu ?

E quando eu estava estudando, que eu tive contacto com os asilos, aqueles menores de asilo, entendeu ?

Que eram uns verdadeiros bichos do mato, eu me impressionei demais.

Então discutindo que precisavam fazer alguma coisa para esses estabelecimentos, dar uma orientação para a vida, para essas meninas, porque elas não sabiam nada, elas eram completamente ignorantes de tudo da vida.

E daí, não sei quem me aconselhou que procurasse o Bispo, eu não sei bem qual foi o Bispo.

E ele me perguntou :

E o que a senhora sugere ?

E eu disse :

Tem que fazer um trabalho individual, ou dar um Curso para essas ...

Porque as meninas que nós tirávamos, que a Liga recebia, porque a Liga tinha uma casa de transição entre a vida reclusa dessas crianças em asilo, e a vida aqui fora.



Algumas que tinham família, voltavam para a família.

Outras que não tinham, ficavam toda a vida naqueles asilos, como bichos mesmo, sem assim nenhuma orientação.

Então, ele deu assim carta branca; perguntou o que eu achava.

Então dei opinião, acho que devia um Curso, para essas religiosas.

É a coisa mais importante, no momento.

Mas o Curso para as religiosas; como eu conheço a mentalidade, elas não viriam e nem se interessariam.

De modo que tinha que ser uma coisa não imposta, mas orientada por uma autoridade eclesiástica.

Então o Bispo disse :

A senhora tem toda a minha ... o meu apoio e eu estarei presente na abertura do Curso.

E daí, então é que nós fizemos o Curso, porque estas meninas não sabiam nada, não se cuidavam, não tomavam conta das roupas, sabe, uma coisa horrível.

Então começamos o Curso com diversos professores da Escola, que naquele tempo, foi D. Baby, dona aquela que você falou ...

A) - Maria Kiehl.

M) - Maria Kiehl. Uma professora que foi da Escola Normal, como era o nome dela ?

Não me lembro. Já faz tanto tempo.

Ela era muito interessante, essa professora, e ela era professora da Escola de Serviço Social.

Essa também deu aula no Curso das religiosas.

A) - Hum .

M) - No começo, os estabelecimentos, principalmente esses não muito desenvolvidos, mandavam freiras Conversas, que a gente via que elas dormiam durante as aulas, elas não entendiam nada.

De modo que, daí a Miss Sullivan tomou uma atitude, sabe ?

E foi bem interessante, elas fizeram exato.

Foi muito bom esse Curso. Foi um primeiro passo, uma abertura para uma introdução da gente nesses estabelecimentos fechados, de meninas.



E daí eu acho que foi interessante, porque as religiosas também começaram a se interessar, a estudar mais, a nos, procurar na Escola, e a modificar a orientação do ensino e da educação dessas menores, educando melhor para a vida.

Esse foi assim o início, os primeiros contactos que a gente teve com os estabelecimentos, não é? na minha carreira.

Depois eu fui convidada para ficar na Escola de Serviço Social e dirigir um Departamento de Estágio, porque daí nós estudamos e vimos que a formação do Assistente, tinha que ser uma formação teórica e prática.

Elas teriam que se exercitar e trabalhar juntamente com o estabelecimento, não é?

Para por em prática os métodos do Serviço Social.

A) - O D. Maria Pia, o currículum da época que atendia essas necessidades, que vocês enfrentavam como alunas, na realidade?

M) - Você diz o currículum da Escola?

A) - É, o currículum da Escola, que você aprendia para poder atuar, não é?

M) - É a gente aprendia; quer dizer, a teoria estava bem planejada e dava naturalmente para a gente se iniciar nesse trabalho.

Mas na medida que se foi abrindo assim, para a introdução do Serviço Social em algumas áreas, para preparar o restante.

Nós começamos então a organizar o Departamento de Estágio, para poder dar a formação teórica, ao lado da formação prática; quer dizer, a formação teórica como base da prática, não é?

E isto, eu acho que foi um passo que levou ao desenvolvimento das técnicas, entendeu?

Porque a gente via que muita coisa que se fazia mais pelo bom senso, pelo raciocínio, exigia um preparo especial, portanto uma técnica.

Então, também, não me lembro como é que nós chegamos a distinguir os métodos do Serviço Social, porque daí nós vimos a necessidade de saber aplicar uma técnica na orientação do indivíduo, ao Grupo da Comunidade.



E daí então surgiu os estudos de Serviço Social de Caso, Serviço Social de Grupo e Serviço Social de Comunidade, que são os três métodos que ajudavam então é ? Na orientação, o preparo do Assistente para lidar com as diversas camadas.

A) - Nessa ocasião, que a senhora estava nesse Departamento ?

Já na Escola, já dava Caso, Grupo, Comunidade ?

M) - Logo que entrei, não.

Mas logo, logo já começou a dar Caso e Comunidade.

A) - Foi com a volta de Nadir Kfour ?

M) \* Foi.

A) - De Helena e Nadir ?

M) - Foi com a participação delas.

A) - Elas vindo dos Estados Unidos ?

M) - Dos Estados Unidos.

Então, nossa ... a orientação do Serviço Social inicial, sofreu no começo a orientação e a influência européia.

A) - Bélgica.?

M) - É.

Depois da vinda desses elementos que foram para os Estados Unidos, então é que o Serviço Social se desenvolveu numa linha técnica e que os três processos, foram estudados e começados a aplicar, porque simultaneamente, não é ?

A) - Hum !

M) - Faz uma outra pergunta para eu poder ...

A) - Não pode continuar ?

M) - É.

A) - Eu só estava querendo assim situar bem, porque a senhora ficou no meio, não foi ?

M) - É.

A) - De 1940.

M) - É, eu peguei uma fase ...

A) - É, pegou uma fase Bélgica e pegou uma fase americana, não é ?

M) - Isto é .

A) - Na forma de ensinamentos ...

M) - É.



ANA) - Seria bom se a senhora pudesse fazer a diferença entre o estágio inicial de observação e depois aquelas colocações de Campo, no Campo de Serviço Social, o trabalho, o menor.

A senhora se lembra como é que foi feita essa transição ?

M) - Bom, eu não me lembro, mas eu tenho a impressão que surgiu, entendeu ?

Na medida que o Serviço Social se desenvolveu no sentido dos três métodos de Caso, Grupo e Comunidade; quer dizer, Caso, Grupo e Comunidade, surgiu da necessidade naturalmente do relacionamento específico entre Grupo, Indivíduo, Grupo e Comunidade.

Porque a toda uma conotação e orientação diferente, não é ?

Das técnicas, como é que se muda, qual é o relacionamento do Assistente individualmente e Comunidade.

Porque no começo, realmente, havia só o Caso Individual, não é ?

Então como o Caso Individual, a gente sentiu que não se atingia perfeitamente, porque o Assistente achou que precisava realmente ter uma técnica especial para lidar com os Grupos de pessoas, não é ?

E para atuar na Comunidade.

De modo que esses dois processos, na Bélgica eu não conheci.

Aqui no Brasil é que nós começamos a estudar, depois justamente da vinda de Nadir e da Helena Junqueira.

Então esses processos, não é ?

Essas técnicas, para trabalhar diretamente com o indivíduo, com os Grupos, nós começamos a aplicar depois que tivemos os Cursos, com esses elementos.

Depois outros elementos foram para os Estados Unidos também, de alunos, que trouxeram outros enfoques também.

A) - Sei.

Em que ano a senhora foi para a Bélgica ?

M) - Olha faz tanto tempo, não sei ...

A) - Mais ou menos, aproximadamente ...



- M) - Eu tenho umas pastas aqui, mas esta assim tão visual ... ( ? )
- A) - Quando a senhora foi, a senhora já era professora do Departamento do Serviço Social, aí na PUC ?
- M) - Não na PUC, não.  
Nós nem pertenciamos à PUC.
- A) - Ah, não ?
- M) - Não.  
Nós éramos uma Escola particular.
- A) \* Sei.
- M) - Mas nós não pertenciamos à PUC, não.
- A) - Qual é essa Escola ?
- M) - Olha eu fiz um trabalho em 1943.  
Sobre a situação da empregada doméstica, em São Paulo.
- A) - Essa foi a sua tese ?
- M) - Foi um trabalho de final de Curso. É.
- A) - Em 43.?
- M) - Em 43.
- A) - A senhora ainda não tinha ido ?
- M) - Não.  
Então ... não, eu não tinha ido,
- A) - Como é que foi a ...
- M) - Porque eu fui para lá depois de formada, entendeu ?
- A) - Como é que foi, a senhora foi para à Bélgica ?
- M) - Eu já fui ...
- A) - Foi à convite, bolsa ?
- M) - Porque uma das Senadoras Belgas, que foi Senadora depois, mademoiselle Bears , não sei se você ouviu falar ?



A) - Sei. Já.

M) - Ela era uma ...

ANA)- Eu conheci quando ela esteve aqui.

M) - Conheceu ?

Pois é .

Quando ela esteve no Brasil, eu já estava na Escola, entendeu ?

Cooperando em alguma coisa e outra, pedindo, leva aqui, começa aqui.

Naquele tempo, eu usava automóvel da minha avó para levar elas para aqui, para lá, então eu banquei a cicerone delas, um pouco para aqui, entendeu ?

E daí, é que nós ficamos conhecendo. E ela me convidou para ir fazer um Curso na Bélgica, entendeu ?

Porque ela ia arranjar uma bolsa de estudos para eu ir para à Bélgica.

A) - Sei.

M) - De fato já nem me lembrava e veio de lá o convite, entendeu ?

E eu então fui para lá.

Mas foi depois disso, desse contacto com esta senhora, mademoiselle Bears, que era Senadora Bélgica, é que eu fui para lá...

A) - Bélgica.

M) - Para Bélgica.

ANA)- Foi no Congresso de 49 ?

Que ela esteve aqui ?

M) - Ela esteve aqui ...

ANA)- Foi num Congresso.

M) - É ela esteve aqui ... olha esse trabalho foi feito em 45, não é ?

Que eu falei ?

A) - Em 43.

M) - Em 43, eu acho que foi.

ANA)- Eu acho que ela esteve em 49 ou 48.

M) - É, ela esteve ...

ANA)- Foi o primeiro Congresso.



M) - É, eu acho que foi sim, não tenho certeza.

Mas eu recebi um convite de lá, acho que porque ela tomou conhecimento na minha casa, saímos e tudo eu achei ... eu disse a ela que eu gostaria de fazer um estágio, um Curso, era um Curso, porque estágio realmente, elas não estavam muito bem organizadas ainda em Serviço Social.

A) - Sei.

Quanto tempo que a senhora esteve lá na Bélgica ?

M) - Eu estive um ano.

A) - Um ano.

E de que constou esse Curso ?

Se pudesse dar uma visão assim como é que era na época, isso para mim, seria ótimo .

M) - Esse Curso, não foi propriamente um Curso, foi um estágio.

A) - Ah, um estágio.

M) - É.

Um estágio de conhecimento das Obras Sociais da Bélgica.

Então, eu visitei diversas Obras interessantíssimas, mas nenhuma com Serviço Social.

Quer dizer, que a Bélgica ainda não estava aplicando.

Elas misturavam um pouco Assistência com o Serviço Social, entendeu ?

Então muitas vezes aquilo que elas apresentavam; a Sônia até esteve comigo e muitas vezes ela estava em reuniões e saía para me chamar, porque ela não aguentava.

Então eu disse :

Não vamos lá.

E nós, que fomos para estudar passamos à fazer conferências, a fazer seminários, entendeu ?

Dar aulas quase para o Grupo de pessoas interessadas.

A) - Sei.

M) - E foi uma experiência muito boa e muito interessante.

E a Bélgica, nós tivemos com relação às Obras, com relação à outros aspectos de assistência, muita coisa interessante, entendeu ?

A) - E que tipos de Obras, a senhora visitou ?



M) - Eu visitei Obras de menores, principalmente de família, organização que elas têm.

A Bélgica tem um trabalho interessantíssimo de orientação, entendeu ?

À família.

Então eles aprendem, cozinha, eles aprende, lavar, passar, essas coisas que são necessárias para a vida, por isso a Bélgica, tem um nível, entendeu ?

Elevado, não em Serviço Social quando nós estivemos.

Eu não sei como é que esta.

Mas na parte toda de trabalho, e de educação popular, é que nós duas :

A Sônia e eu, aprendemos muita coisa de educação popular, sabe ?

Inclusive, o trabalho que eles fazem nas diversas camadas da população, é muito interessante.

Então, por exemplo, há os Assistentes que são especializados na área de família e dão toda uma orientação, incluindo, poder lançar a mão de outras professoras para fazer outros Cursos, entendeu ?

Limpeza de casa, arranjo de casa.

Então nessa questão, nós encontramos nas diversas camadas, especialmente na camada popular, trabalhadores.

As casas e as donas de casa, conseguiram reerguer o nível de vida porque elas sabiam tudo, não é ?

No que se refere a uma boa orientação de casa.

Elas sabiam cozinhar bem, fazer enfeites para casa, costuras, mas tudo com arte, entendeu ?

Eu me lembro que eu vi umas estátuas que elas fizeram, de madeira, numa linha mo derna, que era uma perfeição.

Quer dizer, que elas aprendiam tudo com relação à vida familiar, que pudesse dar um bom nível, entendeu, de vida.

A) - Sei.

M) - Aprendiam música, tudo dentro de um determinado padrão.

Então nós fomos convidadas , a Sônia e eu, para vir visitar diversas Escolas e fazer palestras.

Eu fiz diversas palestras sobre Serviço Social, técnica, o que era Caso, Grupo,



Universidade, os três processos, porque elas estavam na educação popular.

E eu aprendi muito com elas e elas aprenderam também conosco na linha, da técnica, do Serviço Social e foi assim um estágio muito interessante.

A) - Como é que elas recebiam essas ...

M) - Lá na Bélgica ?

A) - É. Assim, as aulas que vocês davam ?

M) - É. No começo, elas nos tratavam, as alunas de lá, como elementos vindo de um país sub-desenvolvido, quer dizer, pensavam que a gente não sabia muita coisa, não tinha grande cultura, e aos pouco elas foram vendo que nós não éramos aquilo.

Dai, nós passamos à liderar quase, então a gente era convidada para fazer conferência, para fazer ... e eu fui convidada para fazer diversas conferências sobre o Serviço Social; quer dizer, elas me davam a orientação sobre a educação popular e a gente dava Serviço Social, técnica de Serviço Social.

Então, foi assim uma troca bem interessante, sabe ?

ANA) - Você pode aproveitar isso para orientação de estágio, no Brasil ?

M) - A estadia lá ?

ANA) - É, para a orientação de estágio .

M) - Sim.

Sempre a gente tem aquela visão, entendeu ?

Que alarga os horizontes; agora, para orientação de estágio, sob o ponto de vista técnico, não.

Mesmo porque, elas não tinham esse processo de estágio.

Não sei, como é que esta depois.

Porque nós fizemos diversas palestras, fomos em diversas cidades, porque lá tudo é dividido por ... .

Bom, não me lembro bem como é que a Bélgica esta assim dividida geograficamente , não é ?

E nós visitamos visitamos, éramos hospedadas nas casas, entendeu ?

E depois dávamos os Cursos; vamos dizer, palestras para fora, sobre Serviço Social.

E visitávamos, aquilo que eles tinham de mais interessante, numa linha mais geral de educação popular.

Dai, que é uma coisa formidável que a gente quiz implantar aqui.



Depois fui para outro ramo e não deu certo, porque as mulheres belgas, elas são preparadas nesse sentido para ser uma excelentíssima dona de casa, em qualquer nível, ela sabe fazer tudo :

Alimentação, costura, coisas de arte.

então a gente visitava aqueles apartamentos e ficávamos bobas, que um apartamento de família, de gente que vem de família operária, para nós, seria da classe média.

A) - É ?

M) - Apartamentos bem cuidados, bonitos e com coisas de objetos de arte, que elas aprendiam, sabe ?

Muito interessante.

A) - Essas palestras, que vocês fizeram lá na Bélgica, foram nas Instituições ou foi lá na Escola, do Serviço Social da Bélgica ?

M) - Nas Escolas; porque nas Escolas dos diversos Departamentos da Bélgica, que nós fomos, diversas cidades e fora nas Organizações, também.

Por exemplo :

Não havia uma organização de famílias que atendiam determinado nível de gente, e a gente era convidada, sabe ?

A) - Sei. Quer dizer ...

M) - Foi uma experiência, uma troca de experiência muito interessante, viu ?

A) - Muito interessante, não é ?

M) - Até numa das cidades que eu estive, que eu fui dar um Curso, fui convidada lá pelas autoridades, que é Namur; eu fiquei hospedada na casa do Juiz de Menores. E que era interessante isto porque ele era um homem de cultura e de uma simplicidade, ele mesmo me levava nas Obras, as vezes.

Não tinha muito tempo mas ele fazia questão e a senhora dele era um encanto.

Eles tinham um filho, que era engenheiro e estava na África.

E eu fui hospedada no apartamento desse rapaz, sabe ?

E foi uma experiência muito boa, porque de lá, fui convidada para outros lugares, outras cidades e voltava sempre para a casa deles, sabe ?

Até acabar o estágio.

ANA) - Desculpe eu perguntar, se lá a senhora conheceu a mademoiselle de Lôneux, que esteve aqui ?



M) - A de Loneux, quando eu fui, não sei se ela já tinha morrido, viu ?

Porque uma das mais velhas lá ...

ANA)- E aqui ?

M) - Que morava justamente lá, onde eu estava hospedada, na Bélgica, ela tinha um entrosamento muito comigo, mas não era de Loneux, eu esqueci o nome dela, só se procurar nos relatórios para ver, sabe ?

Ela era dessas líderes, na Bélgica, viu ?

É tudo que aqueles políticos queriam saber, eles mandavam perguntar lá, fazer consultar e até diziam assim : , como é que eles diziam ... rue de la Post, madame de la rue de la Post, porque a rue de la Post, é onde estava a Escola de Serviço Social e as Organizações de Educação Popular.

Era um quarteirão inteirinho, enorme, sabe ?

E eu fiquei hospedada lá.

A) - A senhora chegou à França, também ?

M) - Fui.

A) - Foi na mesma época ?

M) - Eu já conhecia, já tinha estado na Europa, na França e tudo, mas nessa ocasião, eu fui para a Bélgica direto, e fiquei lá, mas de vez em quando, eu tinha umas férias e saía, sabe ?

Ia para a França; estive na Austrália, estive na Inglaterra.

A) - E na França entraram em contacto com o Serviço Social de Lá ?

M) - Tive.

A) - Da França ?

M) - Da França. Mas, o Serviço Social da França, também era baseado naquela linha da Dec Bearé, do começo, sabe ?

Que era mais na linha de educação, familiar, técnica de Serviço Social ...

A) - Havia um entrosamento entre as duas :

Bélgica e França ?

M) - Sim .

A) - Eu falo da mademoiselle Bears.

M) - A Diretora da Escola da França, de Paris, era assim, uma mulher muito viva, interessante, muito culta, entendeu ?

Mas na linha do Serviço Social, daquela época, entendeu ?



E, lá tínhamos ...

A) - A senhora não sentiu diferença ?

M) - Da Bélgica para a França ?

Não.

A) - Não ?

M) - É mais ou menos a mesma linha.

A Europa estava naquele tempo, na mesma linha de orientação da Bélgica.

Enquanto que o Brasil, sofreu influência dos Estados Unidos.

Então, progrediu na técnica; quer dizer, que nós ultrapassamos as elas depois de alguns anos, porque nós tivemos toda a orientação da Bélgica; depois que a Maria Kiehl e D. Baby, estiveram lá, e elas trouxeram toda uma nova orientação.

A) - Interessante, na França o que é que a senhora viu assim, programas ?

M) - Tu vi na França, mais ou menos a mesma linha da Bélgica, da educação popular.

A) - Popular ?

M) - De família, de educação popular e não tanto na linha técnica, mas tinha uma Assistente Social, que eu esqueci o nome dela, que era muito viva e me deu uma série de endereços, me apresentou; quer dizer, me abriu as portas, não é ? De todo o lugar que eu queria ir, que eu também não sabia a onde ir, porque também não conhecia, é que indicavam tal Obra, tal Escola, sabe ?

A) - Sei.

M) - E eu então fiz assim, em Paris, um bom estágio, também.

Mas sempre naquela linha da Bélgica.

Porque elas foram, a França foi influenciada pela orientação Belga, também.

Já estavam evoluídas .

Então ela achava muito interessante conversar comigo, porque ela estava aberta a uma nova orientação, ela ...

E assim a gente trocava muitas idéias e tudo, sabe ?

A) - Então, elas já estavam sentindo realmente, notando uma mudança, não é ?

M) - É. Estavam começando uma mudança.

A) - Aí, quando é que a senhora voltou para o Brasil ?

A senhora voltou para a Escola, novamente ?

M) - Voltei para a Escola, e na Escola eu fiquei no Departamento do Serviço Social, no Departamento de estágios.

A) - Sei.



A) - Quanto tempo ?

M) - Fazendo Cursos, orientando os estágios, às Obras .

A) - Mas não dando aulas especificamente, não é ?

M) - Nessa época, não :

Depois é que eu comecei ...

Quando a Escola passou para a Universidade, o nosso Departamento começou a dar Cursos na própria Escola , entendeu ?

Sobre a prática do Serviço Social, então já começamos a exigir trabalho de entrosamento teoria com a prática.

Então, nós tínhamos muito material por exemplo, o que é entrevista, qual é a técnica da entrevista individual, da entrevista em grupo, as reuniões de Comunidades, então nós começamos a fazer estudos relativos à parte técnica.

Eu tinha umas apostilhas, aqui, depois eu levei tudo para lá, porque começou a encher muito aqui, sabe ?

A) - Sei.

M) - Depois a gente ...

ANA) - Sempre tem Supervisor ?

M) - Planejei o serviço pós-graduado, daí eu fui para o pós-graduado e fiquei com a orientação do pós-graduado.

ANA) - Sempre teve Supervisores, desde o início da Escola ?

M) - Sempre nós tivemos uma orientação, entendeu ?

Mas não era bem na linha de Supervisor, tanto que a Siper ...

A) - Como era feita a Supervisão na época, não é ?

M) - É . A Supervisão, começou depois de alguns anos pra frente, depois que nós começamos a analisar a teoria, não é ?

Da necessidade de relacionar a teoria com a prática, não é ?

Então nós vimos que tinha que haver uma técnica da prática, uma técnica da teoria, não é ?

Quer dizer uma técnica da prática, para aplicar à teoria, estou sendo confusa ?

Ou vocês estão entendendo ?

A e ANA) - Ah, não ! Estamos entendendo, está ótimo.

M) - Uma técnica da prática para aplicar à teoria.

Daí, nós começamos a fazer, nós sentimos a necessidade de preparar a documentação, porque não havia.



A documentação, va, os dizer sobre a entrevista.

O que é a entrevista ?

Como se desenvolve uma entrevista, não é ?

Não havia. Então, eu já pedia nas Obras, para me dar documentos sobre entrevista.

Começamos a fazer Cursos já com integração da teoria da prática, então dando o que é entrevista, a entrevista individual, não é ?

Reunião de Grupo, reunião de Comunidade e a aplicação das técnicas que foram surgindo, não é ?

Num relacionamento individual em Grupo e na Comunidade.

Então, surgiram especialistas, não é ?

Dentre as minhas alunas nesses campos.

Aqui nós temos ... não achei, um trabalho que é sobre a entrevista, só sobre entrevista, depois eu vou procurar para você, na Universidade deve ter.

É da Lêda, vocês não conhecem o trabalho dela ?

Lêda Batitúo ?

A) - Não, não conheço não.

M) - A Lêda fez a tese sobre "entrevista".

Então, na entrevista ela focaliza a técnica de entrevistar, quando e os diversos assuntos a serem entrevistados, ela relatava.

E daí a gente podia tirar realmente da prática à uma teoria, não é ?

Técnica da entrevista.

E muita coisa baseada na nossa própria experiência, que a gente não tinha documento, não é ?

Sem documento dos Estados Unidos, não conseguimos foi traduzir assim com facilidade, não é ?

E sobre Supervisão, também, não é ?

Depois me especializei na parte da aplicação; quer dizer, da Supervisão. Nós tínhamos esse Departamento de Supervisão; quer dizer, que a parte teórica ficou com Helena e a Nadir

Helena dando Serviço Social de Comunidade e a Nadir Serviço Social de Caso, não é ?

E a de Grupo ... não me lembro quem dava Serviço Social de Grupo, não me lembro no momento.

E nós, então, fazíamos a síntese, não é ?

Entre os três processos à aplicação do Serviço Social de Caso, Grupo e Comunidade,

junto ao indivíduo, ao Grupo e a Comunidade.



E esse material nós ...

A) - Quer dizer : os alunos discutiam ?

M) - Hem ?

A) - Os alunos discutiam a sua experiência com vocês ?

M) - É. Nós tínhamos diversos Grupos, não é ?

E na reunião nós distribuimos trabalho.

A) - Hum !

M) - Um documento da teoria; quer dizer, um documento teórico; vamos dizer, uma entrevista de Caso , não sei, e um relatório para ser analisado.

Então, o meu Curso era nessa linha, não era apenas a esplanção, entendeu ?

Então eu tinha assim, alguns trabalhos que eu preparava, fazia uma síntese, não é ?

Da entrevista o caso, o grupo, sei lá e depois distribuimos analisados.

E isso que eu estava procurando, sabe ?

Que eu não acho. E dava relação da bibliografia, não é ?

A) - Sei.

M) - Fazia elas lerem, analisar trechos, divididos sempre por Grupos liderados por uma Assistente Social, que era do Departamento, do meu Departamento.

Então a Ursula, a Leda, a Eliana; a Eliana agora é que começou a trabalhar nessa Obra, que eu sou presidente, sabe ?

A) - Qual é a Obra ?

M) - Fundação D. Paulina de Sousa Queirós.

Vocês precisam visitar, que é uma Obra, que é tipicamente de Serviço Social.

A) - Ah, é ?

M) - É. Aplicação dos três métodos do Serviço Social.

A) - É ?

M) - No atendimento dessas menores.

A) - Ah ! É menores ?

M) - São menores, que antigamente naquela primeira fase de asilos e depois agora, essas são encaminhadas, pelo Juiz de Menores, pelo Serviço de Menores, entendeu ?

A) - Hum ! Pela Fundação do Bem Estar, também ?

M) - Pelas Obras, pela Fundação do Bem Estar Social.

A) - Sei. E tem muitos Assistentes Sociais ?



M) - Lá na Obra ?

A) - É.

M) - É uma Obra pequena, que atende, nós tínhamos capacidade para cinquenta, aumentamos, e não temos capacidade para aumentá-las sabe ?

Por causa da casa.

A) - Mas elas são da casa ?

Internas ?

M) - No momento, são.

Porque nós estamos numa evolução, para fazer o semi-internato e não ter mais internato.

Desde o começo eu nunca achei, o conveniente entendeu, internato.

É prejudicial. Elas ficam todas com os mesmos hábitos, elas perdem a personalidade.

É muito prejudicial o internato sabe ?

A) - Sei.

M) - Então, nós fazemos no tratamento dessas meninas, na orientação, porque a equipe de Assistente Social é muito boa não é ?

E trabalha muito com as meninas, com as professoras.

Elas fazem uma diferença muito grande, quando elas vem e quando elas saem, entendeu ?

Nós temos até alunos, que já terminaram o curso e que já estão trabalhando fora.

Ganhando; e uma até que não tinha família, esta morando num pensionato.

De vez em quando, ela vai visitar.

Você precisa ver como ela sai. É formidável.

A) - Hum ! Que bom !

M) - Então; quer dizer, o que a gente faz é prepara-las para a vida, não é ?

A) - Sei. E quanto tempo que a senhora ficou lá ?

Nesse Departamento lá da PUC ?

M) - Eu fiquei ... não me lembro quanto tempo, se foi por três, quatro anos ou mais.

A) - Depois a senhora saiu ?

Ou continuou na Escola ?

M) - Não. Daí a Escola modificou-se. A estrutura da Escola foi modificada e dividida em Departamentos, não é ?

O Departamento de teoria, o Departamento da prática.



E eu fui para a direção do Departamento da Prática .

que é justamente aquele que estava responsável pelos estágios.

Pela aplicação do Serviço Social.

Então, nós começamos a organizar os estágios.

Eu tinha três Assistentes Sociais que eu convidei, que trabalharam comigo, elementos formidáveis.

E daí se desenvolveu e continuou na mesma linha, lá na Universidade, nós passamos para lá.

Fechou aqui e nós passamos, foi no ano que a Escola se integrou realmente na Universidade, como um Departamento da Universidade.

Como Escola do Serviço Social. Agora que mais vocês querem saber ?

Então, nós fazíamos também o seguinte : Os estágios.

As alunas tinham que apresentar relatórios.

Os relatórios eram analisados, eram discutidos. Apresentar casos de Serviço Social de Caso, Grupo e Comunidade, não é ?

Então, esses relatórios eram discutidos e analisados pelas especialistas, como eu chamava em Caso, Grupo e Comunidade, não é ?

No começo, havia por exemplo, a Leda que era de Caso. A Ursula, que era de Comunidade. E a Eliana, não sei qual é de Grupo, sabe?

Não me lembro agora. Então se fazia um estudo não é ?

Em cada da aplicação de cada um dos métodos, na prática.

E daí, nós tínhamos um material, entendeu ?

Por exemplo; uma entrevista em Grupo, como é que se faz uma entrevista em Grupo?

Essa entrevista em Grupo, era solicitar das alunas, selecionada dentre as melhores, em que a técnica era mais bem aplicada e depois nós mandávamos miniografar e distribuíamos para os diversos Grupos, e eram discutidos em classe.

E digo, então cada uma de nós, ficava com um dos Grupos, não é ?

A Nadir ou a Assistente dela, com Caso, com Serviço Social de Caso; a de Grupo quem era ?

Não sei se vocês conhecem a Ursula, é uma alta Assistente Social, acho que ela ainda esta lá, na Universidade.



M) - Ela dirigia o Grupo, de Serviço Social de Grupo e de Comunidade; um tempo a Helena cooperava conosco, a Nadir também, não é ?

Mas depois elas foram cedendo para as alunas mais credenciadas, porque elas estavam muito acumuladas, não é ?

E estas alunas foram fazendo estudo e se tornaram realmente muito competentes para fazer este tipo de trabalho.

Então, a gente reunia a classe, não é ?

Num dia de Seminário de Serviço Social aplicado, fazia certas preleções, que tinha que fazer, explicações e tudo e depois dividia em três classes.

Uma ficava com a Lêda, uma com a Ursula, e um com eram três que estavam na direção dos estudos, sabe ?

Sobre Caso, Grupo e Comunidade.

A) - D. Maria Pia ...

M) - E sempre com base em relatório da prática.

Então nós pedíamos os estágios, a gente já conhecia os melhores, a supervisora, e vendia material, analisava e via se realmente tinha condições, para ser um documento de estudo.

Então, esses documentos, lá na biblioteca do Serviço Social Aplicado, deve ter.

A) - Toda a documentação, não é ?

M) - É no material mesmo, porque muita gente que estava trabalhando que não era nem Supervisora da Escola, não é ?

Não estava dirigindo nenhum Grupo, mas estava numa Obra; comprava material para seguir, para se orientar.

Para dar unidade na técnica.

A) - Para dar explicações também e ainda ...

M) - Elas tem lá, não é :

Entrevista com Serviço Social de Casos, reuniões de Grupo ...

A) - De Grupo, de Caso, tem uma série de publicações, não é ?

M) - É, tem uma série de material lá.

A) - É. Ymas explicações assim até muito boas, não é ?

Agora, D. Maria Pia, voltando ao problema, a senhora acha que as primviras Assistentes Sociais, elas tinham conhecimento de todo o movimento socio-plítico e eco-



dos anos de 36, 37 ?

M) - As primeiras Assistentes Sociais ?

A) - É.

M) - Olha, as primeiras Assistentes Sociais elas foram um grupo assim sui-generis, em capacidade, inteligência e preparo.

E todas tinham um curso, entendeu ? Fora.

Antes de entrar tínhamos feito um curso de Filosofia no São Bento, que era:

Nadir, Helena ...

A) - Já traziam um curso superior, não é ?

M) - É. Havia umas outras, duas ou três ou quatro, era um grupinho muito bom, sabe ?  
De grande preparo.

A) - Sei.

M) - Depois desses cursos, que elas fizeram, feitos no São Bento, que estudaram Filosofia, estudaram uma série de ... e prepararam mesmo, é que elas começaram o Serviço Social, entendeu ?

Elas já vieram com uma bagagem muito boa, para o Serviço Social.

A Helena, a Nadir e uma alta, eu não me lembro o nome dela.

Foram elementos assim chaves, no Serviço Social, aqui de São Paulo.

Eu acho que a gente deve muito à elas, no sentido assim de encaminhar e colocar o Serviço Social.

Não é que a gente não veja valor nas outras, eu estou falando do começo.

A) - Claro.

M) - Tem muita Assistente boa que superou etc ...

A) - Agora, a senhora chegou a pertencer ao movimento de Ação Católica, antes de entrar para o curso ?

M) - Eu tive algumas reuniões de Ação Católica; não eu não pertenci.

A) - Nunca chegou a tomar parte ?

M) - Não. Mas Helena Junqueira e a Nadir, elas assim, elas lideravam mesmo à Ação Católica.

Elas vieram da Ação Católica, para o Serviço Social, por isso que o Serviço Social, foi alicerçado mesmo, numa doutrina católica, não é ?



A) - Sei.

M) - Sem ser ...

A) - Porque ele não teve influência na sua vida para o curso de Serviço Social ?

M) - O que, a Ação Católica ?

A) - É.

M) - Não.

A) - Somente pelo desejo de fazer alguma coisa ?

M) - É. E quando a Senadora Bélga, esteve aqui, que eu saí com ela, convidei, ela me conheceu melhor.

Então, ela me convidou, entendeu ?

Acho que não foi uma coisa assim muito especial.

A) - É.

M) - Foi que ela ...

A) - É, a grande parte das Assistentes Sociais que eu tenho entrevistado, pessoal vindo de São Paulo, elas tiveram ligação com o movimento da Ação Católica, sabe ?

M) - É, isto tem

A) - Por isso é que eu estava perguntando.

M) - E acho que foi uma coisa muito boa, como eu disse a você, essa base doutrinária do Serviço Social.

E elas tiveram uma grande influência, que foi Nadir, Helena.

A) - Sei.

M) - E outras, que agora eu não me lembro o nome.

Elas realmente enfocaram o Serviço Social, numa base católica.

Não assim católica ... sabe ?

ANA) - Sei.

M) \* De doutrina.

ANA) - Sei, de doutrina.

M) - De valor da creatura humana.

ANA) - É.

M) - Coisas que elas estudaram e que eram de grande importância.

A) - E que elas queriam realmente levar alguma coisa à Nação, não é ?



M) - É.

A) - Agora, como é que a senhora vê a introdução do Serviço Social, no Brasil ?

M) - Eu não tenho uma visão do Brasil, você entendeu ?

Eu tenho uma visão de São Paulo.

Eu posso dizer do Brasil, mas eu tenho a impressão que a visão de São Paulo, foi baseada justamente naquelas três elementos que foram, e o que o Brasil se valeu realmente desse, como é que se diz ?

A) - Elemento.

M) - Não. Dessa orientação.

Foi implantada aqui no Brasil, baseada numa doutrina da Igreja, entendeu ?

Então, a filosofia do Serviço Social aqui no Brasil, foi uma filosofia baseada nos princípios do direito humano etc e tal, baseada naqueles conhecimentos, que você conhece na doutrina católica.

A) - É.

M) - Por isso realmente, o Serviço Social foi alicerçado nessa base, católica.

A) - É.

M) - Agora, o porém foi na Bélgica, que é um país católico.

A) - É.

M) - Quer dizer, ele é católico e tem uma parte de outras doutrinas, mas o que predomina é o catolicismo, na Bélgica.

A) - Entre eles no Rio, a França, que foi a Marsaud e outras.

M) - A do Rio, também ...

A) - Elas também tinham ligação com o grupo da Bélgica.

M) - É. Porque foi aquele grupo a mademoiselle Marsaud, a ...

A) - Tinha a Restu, a Pietro<sup>M</sup>archi, ...

M) - Estas eu não conheço bem.

E daqui então, foram : a Maria Kiehl, a Nadir e a Helena.

A) - É.

M) - Essas foram as daqui, o Serviço Social foi fundado por esses elementos na base da filosofia católica.



ANA)- A senhora que esteve na Bélgica e que conheceu a mademoiselle Bears, a senhora acha que essa política dela, da Senadora, era autentica como se diz na linguagem de hoje, ou era manipulação da Igreja para o capitalismo ?

M) - Não. Eu acho que era autentica dela, ela tinha uma personalidade e estvasava para outras áreas, entendeu ?

Não foi uma influência de outros políticos, que levaram ela a se promover, a se tornar Senadora, entendeu ?

Ela foi um elemento escolhido pelo povo por ela mesma, com toda atuação dela na Bélgica, ela se tornou uma líder, entendeu ?

Na área católica. Porque tem muito protestante, lá.

Tem Escolas que se fundaram depois, eu não conheci, não é ?

Porque eu fiquei muito mais presa com as Escolas católicas, não é ?

Mas a orientação ... você perguntou o que ?

ANA)- Que se era considerada como manipulação ?

Quer dizer se ...

M) - Não, acho que não.

Pelo contrario, se ela teria sido manipulada por outros elementos ?

ANA)- Não, se ela própria manipulava a classe pobre.

M) - Não, ela não manipulava, entendeu ?

Mas ela tinha ...

ANA)- Ela era autentica, naquilo.

A) - Ela tinha uma convicção, naquilo que ela creditava e que ia levar.

M) - Levava para o outro.

ANA)- Lá, a senhora conheceu René Sand ?

M) - Não ! nem houví falar em nada, nem se foi da época que eu estive lá, teria ele ido à Bélgica ?

ANA)- Porque ele era Senador da Bélgica, defendendo a mesma política da mademoiselle Bears, mas veio como leigo.

M) - Sei.

ANA)- Contra a Igreja, dentro da visão socialista.

Que foi fundador do Chile, da Escola do Serviço Social ...

M) - Ah, sei. Agora, há por exemplo, a mentalidade da medemoiselle Bears e de outros elementos, era assim muito larga, no sentido de aceitar, entendeu ?



Outras idéias que não fôsem de origem católica, vamos dizer, da doutrina social e se davam muito bem com outros leigos de outras oposições e ela no Senado, ela liderava, ela tinha uma força muito grande.

Vê que de vez em quando, eles diziam :

Que a madame da rue de la Post, Marie de la Post é ela.

E aquelas primeiras senhoras, foram companheiras dela.

A Albertina Ramos, foi uma que deu uma contribuição muito grande aqui, que foi uma líder também na Bélgica, viu ?

Então até hoje , eles falam nela, até hoje, até a época que eu estive lá, eles achavam a Maria Kiehl e a Albertina duas cabeças assim pensantes, duas pessoas inteligentes e de grande preparo.

Elas estudaram muito aqui e estudaram ... porque a D. Baby, ela teve um preparo muito bom, ela fez não sei se foi, na Des Oiseaux, acho que foi na Azur.

Mas, ela viaja muito. Ela era muito rica, sabe ?

Então, ela vivia na Europa, sempre estudando.

A) - Quer dizer, lastro cultural muito grande.

M) - E, muito modesta, sabe ?

A) - Sei.

M) - E quando a gente queria um negocio mesmo, a gente ia atrás dela, ela dava uma adiantação com a maior simplicidade.

Ela era um encanto, viu ?

E a Maria Kiehl outra. Só que a Maria Kiehl era assim moça, chic, sabe como é?

E a D. Baby, ela andava igual aquelas mulheres de la rue de la Post (risadas).

A) - Bom, com certeza ela já estava pensando em ser religiosa, governadora ?

M) - Acho que sim, é.

A) - Tendo, pelo menos não tendo essa idéia da Maria Kiehl, não é ?

Que infelizmente morreu cedo, não é ?

M) - Morreu muito cedo, não é ?

Ela apamhou uma moléstia no Perú, nao foi Perú que ela esteve ?

Ela foi num lugar muito alto, e que a gente tem que estar preparada, precisa ir devagar. Ela ja voltou de lá doente.

A) - Doente ?

M) - Foi uma pena, porque ela era muito inteligente, muito preparada, e na linha moderna.



Então, ela teria possibilidade de trazer assim a juventude, entendeu ?

Enquanto que D. Baby, era modesta demais para essas moças de hoje, entendeu ?

A) - Sei.

M) - Você não dava nada por ela...

A) - Dois tipos, duas personalidades.

M) - É, mas se você conversasse com ela, você ficava encantada.

Mas não dava nada por ela.

( ARLETTE RI E ELA CONTINUA )

Aquela jeitão dela. Vestida como aquelas senhoras lá da Bélgica, aquele vestido, aquele negócio, ela não largava.

A) - Sei. Agora, D. Maria Pia, eu queria perguntar o seguinte :

A senhora acha que as primeiras Assistentes Sociais, tiveram uma formação mais de uma linha de apostolado do que profissional ?

Mais uma linha de ideal de servir, do que profissional ?

As primeiras ?

M) - Não, eu acho que elas tiveram as duas coisas simultaneamente.

E foi uma das coisas; vamos dizer, que eu observei, quer dizer, senti.

Não observei, senti, que valorizavam os dois aspectos.

Como é que você colocou a questão ?

A) - E. Era mais mesmo linha de apostolado do que profissional ?

M) - Eu acho o apostolado, era exigido, entendeu ?

Em benefício da própria atuação, junto ao indivíduo.

Quer dizer, o apostolado não na linha de querer catequisar.

A) - Sei.

M) - Porque quando eu estudei, ficou muito claro as duas coisas.

A) - Sei.

M)-Uma coisa, era aplicação do Serviço Social, não é ?

Era se valendo dos métodos, das técnicas, para trabalhar o indivíduo numa linha de adaptação ou readaptação no meio social, e outra coisa era a religião.

Então, na nossa época, religião nem entrava tanto; a não ser quando acontecia qualquer coisa, elas perguntavam e tudo nisso.



Então, aí a gente encaminhava, porque a gente era da Ação Católica.

A gente não misturava <sup>Não</sup> católica, <sup>com</sup> catolicismo.

Eu sei que tem algumas Assistentes da Ação Católica, que fazem trabalho de apostolado, de querer começar, tudo isso, mas nós aprendemos separar as duas coisas, viu ?

ANA) - Não tinham problemas desó entrar na Escola de Serviço Social, só católicos ?

Nunca teve esse problema ?

M) - Não. O negócio é que não teve mesmo.

E nem passou na cabeça, porque foi a primeira Escola que surgiu, foi a católica.

Mas, quando abriram outras Escolas leigas, que não são católicas, a gente colocou.

Tanto que vinham meninas de que Escola ?

Pedir estágios, qualquer coisa, se sobrasse eu arranjava.

Tinha sim, primeiro eu atendia minhas alunas, é lógico não é ?

A) - Mas havia um aspecto assim informativo, no sentido de dar aos alunos o ideal de servir, não havia ?

M) - Ah, sim. Isso tinha. É, essa filosofia sempre escrita no Serviço Social, viu ?

A) - Hum ! No sentido até das Assistentes Sociais trabalharem gratuitamente, no início, não é ?

M) - Certo. É; quer dizer, não era assim uma imposição, mas se fôsse necessário.

E depois a gente não tinha realmente naquela época de medir.

Porque hoje, esta muito diferente,

Olha, que eu trabalhei lá no Departamento de estágios, meninas que não precisavam de estágio remunerado, faziam um verdadeiro trabalho, uma verdadeira política nas Obras, para conseguir estágio remunerado quando chegava para mim, já estavam entendeu ?

Prejudicando outras que realmente precisavam.

Então, eu fazia, discutia tudo isso, mas a gente pode impôr, não é ?

Mas como é que você colocou ?

Em questão da orientação católica ?

A) - É. Não, nós estávamos falando mais ou menos à respeito de servir.

M) - A gente respeitava e nem se falava assim de religião de mais, nada disso, mas



como os princípios católicos, eu acho que são realmente os que levam a dar uma formação para o Assistente, de maneira que ele trate o indivíduo, como uma criatura humana, não é ?

A) - Não seria esse ideal de servir ?

Que era colocado na época, que levavam os Assistentes Sociais a enfrentar as dificuldades, não é ?

M) - Talvez. É.

A) - Que eram de um modo geral, moças de classe alta, não é ?

Que elas iam para lugares mais longe, com dificuldades.

Não seria esse ideal de servir ?

Que era colocado em formação ?

M) - Eu acho que esse ideal, era colocado na formação, sim.

Agora, não atingia todo mundo, porque muitas aceitavam, não é ?

Esse ideal e talvez tivessem entrado na Escola, por esse ideal. Como você mesma colocou, não é ?

A) - Sei.

Agora, como no meu tempo, era assim, eu acho que já estava bem envolvida, da parte de princípios religiosos, que já eram todos assim católicos e tudo isso.

Eu acho que isso ajudou muito, também.

A) - Mas a senhora tinha uma formação católica ?

Tinha, não é ?

ANA) - Nem foi colocado em dúvida, não é ?

A) - É. Porque ela também já trazia uma formação familiar católica.

M) - E acho que do meu grupo de colegas, todas traziam assim, uma formação católica.

A) - Agora, só para terminar, como é que a senhora vê as fases do Serviço Social? Da evolução do Serviço Social ?

M) - Assim, em que sentido ?

No sentido de desenvolvimento dos diversos processos ?

A) - Não, aí eu diria como se fosse profissão.

M) - Como profissão ?

A) - Como ele viria ?

Porque nós vimos até a primeira fase, não é ?



M) - Ah, sei. Certo.

Na primeira fase, como você mesma apresentou .

As primeiras foram por ideal, não é ?

A) - Por influência belga, francesa.

M) - Por influência belga, francesa e de Ação Católica

A) - É.

M) - Ação Católica. Porque essa turma da Helena, da Nadir, elas eram, foram os primeiros elementos filiados à Ação Católica, orientados lá pelos padres do São Bento, entendeu ?

Elas tinham assim, um preparo filosófico muito grande e dentro de uma base <sup>de</sup> ~~fide~~ filosofia católica.

De modo, que essa influência elas transmitiram à nós, entendeu ?

Eu também já vim da <sup>de família</sup> ~~Ação~~ Católica, mas eu vou dizer que aprendi muita coisa católica, com a Escola, porque nós tivemos :

Uma governanta francesa, que era protestante. Então, a mamãe disse ; - Olha, em religião, não toque, porque nós somos católicos.

Também ficou por isso. Ela não tocou em religião, nós também não tocávamos, em religião.

Saindo do colégio, cedo, ficamos estudando em casa; quer dizer, baseando na minha experiência, eu fui realmente adquirir conhecimentos profundos católicos, na Escola de Serviço Social.

A) - É, interessante.

M) - É.

A) - E depois qual seria a outra fase ?

Seria já a vinda da Nadir e Helena, já trazendo todos esses conhecimentos dos Estados Unidos ?

A senhora considerava que isto já seria um marco de uma nova fase do Serviço Social ?

M) - Eu acho, sob o ponto de vista técnica, não é ?

Você quer dizer.

A) - É. Porque é ideologia nova.



M) - É, porque elas nunca perderam aquela linha de respeito à criatura humana, sob o ponto de vista católico ...

A) - E os valores cristãos ficaram ...

M) - E os valores cristãos, nunca perderam. Mas elas aprenderam lá e incorporaram, mas não se deixaram absorver aqui, pela orientação de Ação Católica.

Elas distinguiram bem uma coisa e outra; que o Serviço Social, é uma técnica em benefício do ajustamento etc e tal, conforme os seu meio social.

Então, eu acho que essas primeiras, elas eram muito equilibradas nesse sentido.

Não resta dúvida, que a formação católica, é uma formação correta, não é ?

Porque tem muita gente exagerada, que quer ir para o catolicismo e tudo tem certas coisas, que não podem ser analisadas à luz, assim, do catolicismo; que não tem nada haver uma coisa com outra.

Então, eu acho que elas foram elementos, assim, tão equilibradas; distinguindo bem às áreas, que deu essa formação, pelo menos, pelas primeiras turmas.

A) - Sei.

M) - Agora, e também de ideal. Se você não precisa ganhar e outra precisa, muitas vezes nós demos estágios remunerados para outras, entendeu ?

Quer dizer, que não foi aquela ganância.

Porque eu peguei as duas fases .

Porque eu dirijo o Departamento de Serviço Social, conhecia as alunas e dizia :

- Mas você não precisa, como eu vou tirar essa menina que veio pedir estágio remunerado, mas ela precisa.

Então aquela lista, elas não queriam saber, queriam ganhar. E ganhar para ter maior largura, para se vestir melhor, para essas coisas.

A gente discutia e tudo isso, mas é uma coisa que a gente não pode impôr, mas eu não deixava assim, quando havia uma mais necessitada e outra menos para o estágio remunerado e estágio gratuito, eu passava. Agora, levando em consideração, porque algumas também para determinados estágios, não tinham competência, mas também era uma pessoa boa, não seria que ... paciência. Então, tinha que passar outra no lugar, sabe como é ? sem exagerar.

A) - Sei. E hoje ? Como é que a senhora vê o Serviço Social ?